
O voluntariado nos Jogos Olímpicos: o caso Rio 2016¹

Flávio Agnelli MESQUITA²

Universidade Metodista de São Paulo

Universidade Nove de Julho

Resumo

Característica cada vez mais marcante dos Jogos Olímpicos modernos é a presença do voluntariado em diferentes áreas do evento: da organização à infraestrutura, passando pelas orientações aos atletas, à mídia e ao próprio espectador. Apesar de destacada atuação, é ainda tímida a produção bibliográfica sobre o assunto, especialmente no Brasil. Também não se encontra grandes coberturas da mídia esportiva ao voluntariado, com notícias que se baseiam simplesmente na exposição de informações básicas sobre o processo de inscrição, seleção e trabalho dos voluntários, o que, sem dúvida alguma, revela um espaço carente de reflexões, pesquisas e abordagens midiáticas.

Palavras-chave

Jogos Olímpicos; Voluntariado Esportivo; Jogos Rio 2016; Webjornalismo.

Os Jogos Olímpicos de verão, caracterizados como um dos mais representativos megaeventos esportivos do mundo, apresentam uma infinidade de stakeholders. Se quisermos fazer uma divisão mais didática, podemos dividi-los entre internos (aqueles que atuam formalmente para a realização do evento) e externos (aqueles que estão direta ou indiretamente relacionados à competição).

Inevitavelmente, neste processo, alguns públicos tornam-se mais evidentes e, por isso mesmo, ganham mais atenção dos próprios comunicadores. Por outro lado, há stakeholders que, dada suas características peculiares, acabam muitas vezes distantes dos demais públicos.

Este é o caso, por exemplo, dos voluntários, públicos que não se caracterizam propriamente como um stakeholder interno – uma vez que não possui relação (até mesmo trabalhista) formal com os Comitês Organizadores –, nem mesmo externo, já que, ao

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Graduação em Jornalismo – Universidade Nove de Julho (São Paulo – SP); Doutorando em Comunicação – Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias.

contrário dos espectadores, participam de maneira muito particular das competições olímpicas.

Nesse sentido, ao voluntariado cabe um espaço diferenciado no evento olímpico, mas que pode deixá-lo num “vácuo” de atenção, seja no que diz respeito às pesquisas acadêmicas que se preocupam com esse público, seja em relação à própria atenção dada pela imprensa.

A proposta do presente artigo é justamente verificar como se estabelece a atenção ao voluntariado olímpico nessas duas pontas: de um lado, os estudos acadêmicos já realizados e, de outro, o olhar da imprensa ao assunto, utilizando, neste último caso, os Jogos Olímpicos Rio 2016 como objeto analítico.

O voluntariado

A prática do voluntariado, entendendo aqui seu conceito mais amplo – não ligado apenas ao esporte – é um fenômeno com forte histórico europeu. Segundo Alvarez (1995, p. 23), o voluntariado tem seu berço na Inglaterra, ainda nas primeiras décadas do século XX. A forte industrialização das cidades, levando a um intenso êxodo rural, permitiu grande organização das comunidades urbanas, algumas delas visualizando no terceiro setor a possibilidade de auxiliar cidadãos com necessidades específicas.

Esse movimento, obviamente, ganha ainda mais corpo após as duas grandes Guerras Mundiais, já no século XX, quando variadas regiões europeias precisaram contar com auxílio do voluntariado para a reconstrução nacional, depois do conflito bélico. Alvarez faz uma abordagem contemporânea do que entendemos como práticas do voluntariado, numa sociedade organizada, mas obviamente que outros movimentos de séculos distantes podem ser considerados como práticas voluntárias.

Historiadores como Mike Hudson (1999) apontam que o voluntariado, organizado no chamado “terceiro setor”, caracteriza-se pelo desejo das pessoas ajudarem a comunidade, sem almejavem algum retorno pessoal. Nesse sentido, para o autor, o voluntariado existe desde o início da humanidade, quando, por exemplo, havia grupos familiares que cuidavam das crianças, idosos, pessoas enfermas, a fim de zelar pelo justo desenvolvimento de sua comunidade. Mais à frente, há importantes práticas emergentes com o crescimento do cristianismo e suas obras sociais, até chegar às ações contemporâneas do terceiro setor.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), “voluntário é o jovem, adulto ou idoso que, devido a seu interesse pessoal e seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades de bem estar social ou outros campos”³. O órgão mantém desde 1971 o “Programa de Voluntários para as Nações Unidas”, existentes em mais de 140 países. O ano de 2001, inclusive, foi instituído pela ONU como o Ano Internacional do Voluntariado, o que deu ainda mais visibilidade às instituições que se voltam a atividades ligadas ao terceiro setor.

Dentro do esporte, o conceito do voluntariado mantém-se o mesmo de outros tipos de ação: o envolvimento com sociedade e a busca por contribuir coletivamente com sua localidade.

Assim como o voluntário social, o esportivo se propõe a agir em benefício da sociedade, de livre e espontânea vontade, sem objetivo de benefícios econômicos ou outros. O objetivo deste esforço volta-se à melhoria do bem-estar em geral, uma melhor qualidade de vida para as pessoas. (MORAGAS, MORENO, PANIAGUE, 1999, p. 134, trad. do autor)

Além da adesão ao voluntariado estar ligada à prática cidadã, outra característica – relacionada à primeira – é muito presente: o sentido de pertencimento. Os voluntários que fazem parte das competições olímpicas manifestam esse tipo de motivação como fundamental para se decidirem por participar dos Jogos.

Podemos delinear uma série de motivações básicas: o espírito de solidariedade e paz consagrado na filosofia olímpica, o compromisso como cidadãos, membros de uma associação ou nação, o desafio individual – pertencer a um grupo –, identificação como um membro desse grupo, as várias formas de gratificação individual. Claro que podem existir outras formas pessoais de motivação, mas uma das mais frequentes nos últimos Jogos foi a de pertencer a uma equipe. (MORAGAS, MORENO, PANIAGUE, 1999, p. 134, trad. do autor)

Atendo-se à definição formal do Comitê Olímpico Internacional, percebe-se uma importância evidente que o órgão atribui ao voluntariado, como uma força vital à realização dos Jogos.

Em texto divulgado em seu site oficial, no dia 5 de dezembro de 2016, no qual se faz uma análise do voluntariado das Olimpíadas do Rio de Janeiro e já destaca as

³ Conceito de voluntariado e informações sobre o Programa de Voluntários da ONU estão disponíveis em <https://nacoesunidas.org/vagas/voluntariado/>. Acessado em 18/06/2018.

inscrições para os Jogos de Inverno de 2018 e de Verão de 2020, o Comitê Olímpico Internacional destaca:

É frequentemente dito que são os voluntários que ‘fazem os jogos’. Por isso, os comitês organizadores deste programa de lançamento de eventos esportivos globais permitem que dezenas de milhares de pessoas de todos os lugares se inscrevam para trabalhar nas mais variadas áreas de conhecimento, a fim de garantir o bom andamento dos jogos. (Como se tornar um voluntário Olímpico, 2016, s/p. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/how-to-become-an-olympic-volunteer>)

O voluntariado dos megaeventos esportivos tem uma característica marcante: a motivação em ser parte do evento, pertencer à competição de alguma forma, decorre em grande parte do grande apreço que os voluntários têm perante o esporte. É o que comprovam estudos de vários autores. Alvarez (1995, p. 43), por exemplo, quando analisa as motivações dos jovens espanhóis participantes como voluntários de eventos esportivos, ressalta que 55% participa como realização de seus objetivos, seus gostos e experiências pessoais.

Ou seja, a participação nesses tipos de evento evidencia a paixão que a maioria dos voluntários tem pelas mais diversas modalidades esportivas, além de outros fatores importantes, ligados à experiência pessoal e à contribuição social.

A história dos voluntários nos Jogos Olímpicos

O voluntariado esportivo é ainda um campo pouco explorado nos estudos acadêmicos. Alguns dos pesquisadores que se lançam a tal desafio são provenientes principalmente da Europa⁴, seguidos por alguns norte-americanos, mas com pouca tradição de estudos do gênero na América Latina e, especificamente, no Brasil.

Voluntários são um componente central da prestação de serviços esportivos e um elemento importante da cultura dos Jogos Olímpicos. No entanto, pouca pesquisa abordou as características e experiências específicas dos indivíduos que dedicam seu tempo e esforço para se voluntariar em megaeventos esportivos, mais especificamente na

⁴ Uma importante fonte de estudos olímpicos e do próprio voluntariado encontra-se, por exemplo, no Centro de Estudos Olímpicos, da Universidade Autônoma de Barcelona, com Simpósios e livros publicados que congregam capítulos de pesquisadores do mundo todo. Acessar os materiais em:

Olimpíada. (GIANNOULAKIS, WANG, GRAY, 2008, p. 191, trad. do autor)

Pesquisadores brasileiros de diferentes áreas, como administração, turismo, hospitalidade e comunicação também apontam para a escassez de estudos sobre o voluntariado esportivo. Lemos, Neto e Cavalcante (2016, p. 1430), por exemplo, ao realizarem um levantamento bibliométrico sobre estudos brasileiros referentes ao voluntário eventual, encontraram apenas 18 artigos sobre o tema.

Já Costa e Oliveira (2016, p. 92), a partir de uma consulta à base de dados Spell, que reúne centenas de publicações nas áreas de turismo, contabilidade e administração, encontraram 24 estudos sobre voluntariado, mas nenhum deles ligados a eventos esportivos.

Também na área de administração, o estudo de Vila, Darcy e Alén (2014) tratam, não apenas do voluntariado esportivo, mas da carência de pesquisas aplicadas especificamente aos Jogos Olímpicos.

Quando se trabalha pesquisas aplicadas à comunicação, tal escassez faz-se ainda mais evidente. Dos estudos já realizados, grande parte enfatiza na história do voluntariado ao longo dos Jogos Olímpicos modernos, iniciados em 1896, em Atenas – Grécia, como referência aos valores olímpicos clássicos⁵.

Nas primeiras competições da era moderna, não há referências ao voluntariado. O auxílio externo aos organizadores era entendido, quase que completamente, pela atuação do exército local. Entretanto, com o aumento das competições e a preocupação com a violência – algo que se tornou cada vez mais intenso ao longo do século XX –, coube às forças armadas atuação exclusiva na segurança local, deixando outras atividades administrativo-protocolares para a organização dos Jogos (MORAGAS, MORENO, PANIAGUA, 2009).

Nas duas primeiras décadas, embora sem um reconhecimento formal, já existiam atuações importantes de pessoas que, sem retorno financeiro, lançaram-se à tarefa de organização dos Jogos, junto às localidades-sede.

Nos primeiros anos, o Movimento Olímpico cresceu graças ao trabalho de muitas pessoas que atuavam voluntariamente para construir uma

⁵ Para mais informações sobre a história olímpica, pode-se consultar o próprio site do Comitê Olímpico Internacional, no menu “olimpismo”, onde se encontra, inclusive a “Carta Olímpica”:
<https://www.olympic.org/the-ioc/promote-olympism>.

estrutura organizacional mínima. Este processo ocorreu paralelamente ao desenvolvimento de federações em muitos esportes, que também surgiram devido aos esforços voluntários dos amadores que formaram os primeiros clubes esportivos. Em Atenas, em 1896, Paris, 1900, St. Louis, 1904, e Londres, em 1908, a palavra ‘voluntário’ não apareceu explicitamente nos relatórios oficiais. No entanto, não há como duvidar da motivação altruísta daqueles que participaram da organização dos Jogos Olímpicos, que ainda eram pequenos em escala e nos quais os laços e amizades familiares eram essenciais para uma organização bem-sucedida. (MORAGAS, MORENO, PANIAGUA, 2009, p. 136, trad. do autor)

O que ocorre, no entanto, é que a década de 1980 será o primeiro marco de reconhecimento formal do voluntário como um stakeholder vital ao bom andamento das competições olímpicas. Um pouco antes disso, nos Jogos do México, em 1968, o relatório de execução da competição (como menciona MORAGAS, MORENO, PANIAGUA, 2009, p. 141) já deixava evidente o papel de destaque do voluntariado, desempenhando funções em duas frentes específicas: assistência aos organizadores do COI, delegações, chefes de Governo e demais representantes de Estado; auxílio para representantes de mídia e para as equipes esportivas.

Tem-se aí o primeiro relato de subdivisões que começavam a surgir no voluntariado olímpico, dada a necessidade desse público em atuar em frentes cada vez mais amplas, no apoio ao Comitê local.

Nas competições olímpicas da década de 1970, no entanto, não há menções formais ao trabalho do voluntariado, algo que voltará, em definitivo, nas competições da década de 1980. Esse público assume uma posição de destaque ao ocupar espaços cada vez mais destacados durante toda a competição olímpica, seja para auxiliar na parte administrativa dos Jogos (recepção de delegações, governos, auxílio às mídias internacionais etc), seja para trabalhar nas informações aos turistas, ou ainda para auxiliar na própria realização das competições esportivas.

Já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, o reconhecimento do papel-chave do voluntariado é formalizado pelas instituições olímpicas.

Enquanto desde os anos 1980 os voluntários olímpicos se tornaram recursos cada vez mais valiosos para a organização dos Jogos Olímpicos e para a realização de suas funções cotidianas, o Movimento Olímpico só recentemente começou a reconhecer a importância dos voluntários. Conferências em 1999 e 2001 pediram mais pesquisas sobre o voluntariado olímpico e o multiculturalismo, questões apoiadas pela presente pesquisa. O futuro do movimento olímpico repousa em

grande parte sobre os esforços dos voluntários. Uma política sobre voluntariado e multiculturalismo aumentaria significativamente o movimento voluntário das Olimpíadas, juntamente com objetivos olímpicos. (KARLIS, 2003, p. 8, trad. do autor)

A primeira conferência a qual o autor se refere ocorreu em novembro de 1999, na cidade suíça de Lausanne, e foi organizada pelo Museu Olímpico e pela Cátedra Internacional do Olimpismo, cuja temática era “Voluntários, Sociedade Global e Movimento Olímpico”. A conclusão a que este evento chegou foi que a contribuição dos voluntários vai além da prestação de serviços, melhorando as dimensões sociais e culturais dos Jogos, promovendo realmente uma interação multicultural (KARLIS, 2003).

Já o segundo marco formal da importância do voluntariado deu-se na Conferência Mundial sobre Turismo Olímpico e Esportivo, ocorrido em novembro de 2001, em Nova Iorque (EUA). Na ocasião, o então Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Jacques Rogge chamou atenção para que os comitês locais criassem, cada vez mais, equipes de voluntários mais especializados e que pudessem potencializar, de fato, a troca de experiências entre os voluntários e a cultural local onde os Jogos são sediados.

A partir daí, tem-se realmente um marco no estabelecimento do voluntariado esportivo como um pressuposto dos Comitês com a organização do evento, designando, inclusive, equipes específicas que trabalharão com esse público, desde o processo de seleção dos voluntários, até o treinamento e a execução dos trabalhos.

Caso Rio 2016: particularidades da competição carioca

A quantidade de voluntários dos Jogos Rio 2016 apresenta números muito próximos às edições anteriores. Segundo Costa e Oliveira (2016, p. 94), os Jogos Olímpicos de Siney (2000) tiveram 50 mil voluntários selecionados. Quatro anos depois, em Atenas, esse número aumentou para 60 mil. Já nas edições de Pequim-2008 e Londres-2012, foram 70 mil voluntários, contabilizados os que trabalharam nas competições olímpicas e paraolímpicas. No caso dos Jogos brasileiros, houve uma redução, há cerca de seis meses do início da competição, de 70 para 50 mil voluntários, fato justificado pelo corte em algumas verbas destinadas à organização da competição. Ainda assim,

considera-se um montante representativo, tendo em vista os eventos esportivos de grande amplitude.

Todo processo de inscrição, seleção e formação do voluntário inicia-se dois anos antes dos Jogos e, para que as etapas ocorram de forma satisfatória, é fundamental que se crie um ambiente positivo perante o público, expresso pela forma como os meios de comunicação vão abordar e diariamente noticiar assuntos relacionados aos voluntários.

Nesse sentido, é importante verificar como, do ponto de vista midiático, o voluntariado olímpico brasileiro foi trabalhado: houve uma predominância de abordagens positivas ao programa ou, por outro lado, ressaltou-se mais problemas relacionados à organização, escolha e recepção dos voluntários?

Para o presente estudo, optou-se como recorte analítico estudar a abordagem dos dois portais de notícia mais acessados do país – Globo.com e UOL –, nos seus respectivos locais dedicados aos esportes, ao assunto “voluntariado olímpico”. A análise ocorre entre os meses de agosto de 2015 a agosto de 2016, processo que compreende o início da seleção dos voluntários e a finalização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Globo.com

Até mesmo por se consolidar como o principal portal da internet no número de leitores, o globo.com destaca-se pela grande quantidade de notícias olímpicas. Especificamente sobre o voluntariado, foram 70 publicações no período de análise, divididas da seguinte forma, no que diz respeito à abordagem das notícias:

Notícias positivas	Notícias neutras	Notícias negativas
9	52	9

Notícias presentes no portal Globo.com, no período entre agosto de 2015 e agosto de 2016.

A análise quantitativa já indica uma tendência da cobertura ao voluntariado: há uma clara concentração nas notícias neutras e um equilíbrio entre coberturas que destacam características positivas e negativas do voluntariado dos Jogos Rio 2016.

Notícias neutras consideradas neste estudo são aquelas que se atêm a dados técnicos do voluntariado, como as inscrições e seleções em cada região do País, os cursos de formação dos selecionados e ainda números de inscrições por estado. Ou seja, não há qualquer juízo de valor aparente que leve as notícias a explicitarem informações positivas ou negativas do processo de escolha, seleção e formação dos voluntários.

Já as nove notícias positivas destacam, principalmente, a grande empolgação dos voluntários em estarem perto das modalidades esportivas, dos atletas e contribuindo para o bom andamento das competições. Manchetes como “Voluntários participam ativamente dos Jogos” e “Voluntários ajudam a construir Olimpíadas do Rio” evidenciam essa característica.

Outra característica positiva presente está no reconhecimento da importância desse público para as competições: “Rio 2016 agradece aos voluntários”; “Rio aposta na diversidade dos voluntários no parque olímpico”.

Já as notícias negativas versam todas sobre a ausência de voluntários nos Jogos, seja pela diminuição no número, definida pelo Comitê Rio 2016, seja pela própria desistência de parte dos selecionados: “Comitê preocupado com a ausência dos voluntários”; “Rio 2016 chegou a ter, nos primeiros dias de Jogos, 50% de voluntários ausentes”; “Cerca de 30% dos voluntários recrutados não aparecem”.

Quando a abordagem negativa não tratou das ausências, falou-se sobre a tentativa de alguns lucrarem com os Jogos: “Voluntários tentam vender seus uniformes”.

Portal UOL

Ao contrário do portal globo.com, a cobertura do UOL ao voluntariado olímpico foi muito mais tímida, como se vê na tabela a seguir:

Notícias positivas	Notícias neutras	Notícias negativas
1	7	0

Notícias presentes no portal UOL, no período entre agosto de 2015 e agosto de 2016.

Foram apenas oito notícias, sete das quais trazendo informações sobre as inscrições, escolhas e formação dos voluntários: “Fortaleza ganha centro de formação de voluntários”; “Voluntários atingem 100 mil inscritos”.

A única notícia que deixa de lado o tom majoritariamente descritivo aponta a grande contribuição dos voluntários para o sucesso das modalidades: “Voluntários merecem medalha de ouro”, assumindo uma abordagem timidamente positiva.

Estruturalmente, as oito notícias presentes são curtas, a maioria sem a presença de entrevistados, enfatizando apenas em notas divulgadas pelo Comitê Rio 2016.

Avaliação dos resultados e considerações finais

Assim como apontado no referencial teórico, quando se destacou uma baixa atenção a bibliografias cujo foco são os voluntários olímpicos, os próprios meios de comunicação de massa parecem não atribuir grande atenção à temática.

A fragilidade do assunto enquanto pauta fica evidente no portal UOL, com apenas oito notícias abordando informações rápidas e sem detalhamento sobre os voluntários dos Jogos Rio 2016, no período de um ano. Dedicando um espaço exclusivamente voltado ao esporte e às olimpíadas, há um grande silenciamento quando o foco está no voluntariado.

Mesmo no portal globo.com, que dedicou 70 notícias relacionadas ao assunto, essa abordagem não é tão representativa, se compararmos com milhares de reportagens olímpicas veiculadas no mesmo período, com maior destaque e aprofundamento analítico.

Quanto ao conteúdo das notícias, observa-se a grande predominância de coberturas neutras ao voluntariado, utilizando essa “escala qualitativa” para referir-se a abordagens que trazem dados sobre a seleção, formação e número de voluntários por regiões do mundo e do País.

No próprio portal globo.com, não há uma demasiada crítica à organização do voluntariado ou, por outro lado, um otimismo latente para com esse tipo de engajamento popular dos Jogos Olímpicos.

O que se conclui, em todos os aspectos, é que realmente o assunto “voluntariado olímpico” não ocupa um lugar de destaque, seja nas mídias ou ainda na bibliografia da área, o que indica a necessidade de novos estudos que levem em consideração a importância crescente desse público na organização e realização dos megaeventos

esportivos, com destaque para um evento tão complexo e variado como os Jogos Olímpicos.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, P. (1995). El Voluntariado en Europa. La carta internacional dei voluntário. I Jornadas sobre formación de voluntários. Malaga: Instituto Andaluz dei deporte. Junta de Andalucía, 1997.

COSTA, Fabio Pinaud Cerri; OLIVEIRA, Lucia Barbosa de. Motivação, satisfação e comprometimento: um estudo sobre o trabalho voluntário em megaeventos esportivos. In: **Revista E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 16, n. 42, p. 89-115; Janeiro/Março de 2016.

DICKSON, T. J; BENSON, A. M.; TERWIEL, F. A. Mega-event volunteers, similar or different? Vancouver 2010 vs London 2012. In: **International Journal of Event and Festival Management**, 2014, Vol. 5, p. 164-179.

FARRELL, J. M.; JOHNSTON, M. E.; TWYNAM, G. D. Volunteer motivation, satisfaction, and management at an elite sporting competition. **Journal of Sport Management**, Local, v.12, p. 288-300, 1998.

GIANNOULAKIS, Chrysostomos; GRAY, Dianna; WANG, Chien-Hsin. Measuring Volunteer Motivation in Mega-Sporting Events. In: **Event Management Journal**, Setembro de 2008, p. 191-200.

GREEN, B.C.; CHALIP, L. Paths to volunteer commitment: Lessons from the Sydney Olympic Games. In: STEBBINS, R.A.; GRAHAM, M (Eds.). **Volunteering as leisure, leisure as volunteering: an international assessment**, Wallingford: CABI Publishing, 2004.

HUDSON, Mike. Administrando Organizações do Terceiro Setor. São Paulo. Makron Books, 1999.

Karlis, G. (2003). Volunteerism and multiculturalism: a linkage for future Olympics. **The Sport Journal**, 6, 126, p. 1-13.

KOUTROU, N.; PAPPOUS, A.; JOHNSON, A. Post-Event Volunteering Legacy: Did the London 2012 Games Induce a Sustainable Volunteer Engagement? In: **Sustainability Journal**, 2016, 8, p. 1221-1233

LEMOS, S. L.; NETO, F. S. A; CAVALCANTE, C. E. O voluntariado eventual em competições esportivas. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, v. 10, n. 27, p. 1417-1436, setembro/dezembro de 2016.

MORAGAS, Miguel; MORENO, Ana Bolen; PANIAGUA, Raul. (1999). The Evolution of Volunteers at the Olympic Games. In: **Volunteers, Global Society and the Olympic Movement International Symposium**, Lausanne, 1999, p. 133-154.

VILA, T. D.; DARCY, S; ALÉN, E. Jogos Olímpicos Y Paralímpicos en Brasil: aprendiendo de Barcelona Y Sidney. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 222-230, 2014.